ISSN: 2358-8829

TRADUÇÃO CULTURAL EM LIBRAS: ESTRATÉGIAS AUDIOVISUAIS DE INTÉRPRETES NA MEDIAÇÃO ENTRE ARTISTAS E PÚBLICO SURDO

Bruna Barros Cardoso [1]
Wender Paulo de Almeida Torres [2]
Sirlene Vieira de Souza [3]

INTRODUÇÃO

A ampliação do acesso de pessoas surdas às produções culturais tem fortalecido a presença da Língua Brasileira de Sinais (Libras) em espetáculos, festivais, vídeos e conteúdos digitais. Nesse campo, a atuação do tradutor e intérprete de Libras e português (TILSP) pode começar antes do evento, com estudo da obra e produção de chamadas acessíveis, atravessar a performance presencial e continuar depois dela, por meio de registros audiovisuais, entrevistas, edição, janelas de Libras e circulação em redes sociais. O audiovisual, portanto, não aparece apenas como produto final, mas como dimensão que interfere na preparação, na execução e na difusão da tradução.

Essa condição modifica as decisões do intérprete. Na cena presencial, ele responde ao artista, ao espaço e à plateia; diante da câmera, precisa considerar enquadramento, visibilidade corporal, captação de voz e permanência do conteúdo. Em música e dramaturgia, somam-se metáfora, humor, mudanças de personagem, ritmo, pausas e intensidade. Em estudo anterior, Cardoso e Souza (2025) discutiram o intérprete como produtor cultural e mediador do protagonismo surdo. O presente trabalho desloca o foco para as estratégias audiovisuais acionadas dentro da prática tradutória.

O objetivo é discutir como dois TILSP constroem estratégias capazes de preservar dimensões das obras e garantir acessibilidade linguística e cultural ao público surdo. São

[1] Mestranda em Educação Inclusiva pelo PROFEI/UNEAL. Professora intérprete de Libras da Prefeitura Municipal de Garanhuns e da Secretaria de Educação de Pernambuco. E-mail: bruna.cardoso.profei.t5@alunos.uneal.edu.br.
[2] Mestrando em Educação Inclusiva pelo PROFEI/UNEAL. Professor intérprete de Libras da Prefeitura Municipal de Garanhuns e da Secretaria de Educação de Pernambuco. E-mail: wender.torres.profei.t5@alunos.uneal.edu.br.
[3] Doutora em Educação. Professora Adjunta da Universidade de Pernambuco (UPE) e professora do PROFEI/UNEAL. E-mail: sirlene.souza@uneal.edu.br.

analisadas três experiências: o monólogo Vida Comum Surda, contações de histórias no CPC/Sesc Garanhuns e o 6º Festival Art'Incluir. Os casos evidenciam o audiovisual como registro e circulação, como mobilização prévia do público e como continuidade acessível de performances presenciais.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

A pesquisa possui abordagem qualitativa, caráter descritivo e configuração de estudo de caso, centrado na atuação profissional de dois TILSP no meio artístico-cultural. O corpus reúne registros audiovisuais, fotografias, chamadas de divulgação, publicações em redes sociais e memórias profissionais sistematizadas sobre preparação, atuação em dupla e diálogo com artistas, instituições e equipes técnicas.

Foram selecionados três contextos de 2026. Em Vida Comum Surda, analisaram-se versão-voz, debate posterior, gravações, entrevistas com o público e circulação digital. Nas contações do CPC/Sesc Garanhuns, consideraram-se a performance infantil e as chamadas anteriores destinadas a alcançar crianças surdas, famílias e redes de referência. No Art'Incluir, observaram-se interpretação musical presencial, estrutura técnica de grande porte e registro audiovisual posteriormente articulado a recursos como janela de Libras e audiodescrição.

A comparação considerou quatro dimensões: preparação e mobilização; decisões tradutórias durante a performance; enquadramento, captação e registro; e circulação ou pós-produção do conteúdo acessível. O foco incidiu sobre as escolhas dos intérpretes e sua articulação com profissionais surdos e equipes culturais, sem análise de dados pessoais dos espectadores.

REFERENCIAL TEÓRICO

Masutti (2007) compreende a tradução cultural nas zonas de contato entre surdos e ouvintes como espaço de negociação de sentidos. Essa perspectiva ajuda a situar a mediação artística como processo no qual língua, corpo, imagem, som, espaço e contexto se combinam. No audiovisual, essa negociação também envolve o suporte pelo qual a tradução será vista, ouvida, registrada e compartilhada.

Barbosa (2020) constitui o principal eixo técnico deste estudo. Ao sistematizar procedimentos da tradução, a autora demonstra que a literalidade não responde a todos os problemas e destaca que as escolhas dependem das funções da linguagem, do tipo de texto e da finalidade da tradução (BARBOSA, 2020, p. 67). Modulação, equivalência e

compensação, discutidas nas p. 73-75, são especialmente úteis para pensar situações em que preservar forma e conteúdo simultaneamente não é possível.

Na narrativa infantil, Sousa (2018) identifica repetição, recursos icônicos e gestos emblemáticos e descritivos como estratégias que favorecem a compreensão. No campo musical, Sessa, Souza e Nunes (2025) discutem metáfora conceptual e musicalidade em Libras. Esses estudos reforçam que acessibilidade não implica reduzir a experiência estética, mas construir formas linguísticas e visuais adequadas ao gênero e ao público.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em Vida Comum Surda, o primeiro desafio é a versão-voz do monólogo sinalizado. A voz precisa acompanhar mudanças de personagem, humor, pausas, intensidade e ritmo, o que exige estudo prévio e sintonia entre os intérpretes. No debate posterior, perguntas de pessoas surdas e ouvintes fazem a equipe alternar entre Libras-português oral e português oral-Libras, acrescentando imprevisibilidade e necessidade de acompanhamento mútuo.

A mesma experiência possui uma camada audiovisual decisiva. O monólogo e seus desdobramentos são registrados em vídeo, acompanhados de entrevistas com o público e divulgados em redes sociais para promover a produção artística surda. A equipe precisa alinhar enquadramento, visibilidade das mãos e expressões, posição dos intérpretes e captação da versão-voz. A produção das mídias sociais contou com participação de profissional surdo, ampliando a presença surda também na criação e na circulação do conteúdo. Como o registro permanece disponível, a tradução gravada exige preparação tão rigorosa quanto a presencial, embora responda a outra finalidade.

Nas contações de histórias do CPC/Sesc Garanhuns, o audiovisual começa antes da apresentação. Chamadas de divulgação e ações de engajamento precisam chegar a pessoas e redes capazes de mobilizar o público, especialmente crianças surdas e suas famílias. Produzir um conteúdo acessível não garante, isoladamente, participação; é necessário fazê-lo circular entre lideranças, profissionais, grupos e referências da comunidade que conectam a ação cultural ao público pretendido.

Durante a contação, a estratégia se desloca para a performance visual. Expressão facial e corporal, espacialização, iconicidade, gestos descritivos e repetição contextualizada ajudam a construir personagens e estabilizar referências. Sousa (2018) identifica recursos semelhantes na compreensão de narrativas em Libras. Nesse caso,

chamada audiovisual e performance sinalizada formam etapas complementares: primeiro, alcançar o público; depois, sustentar sua participação na experiência.

No 6º Festival Art'Incluir, a interpretação ocorre em estrutura de grande porte, com palco, iluminação, equipamentos e captação. O intérprete precisa responder ao público presente e considerar que a performance será registrada. Depois, o material pode ser reorganizado e associado a janela de Libras, audiodescrição e outros recursos. O TILSP não realiza necessariamente todos esses recursos, mas sua atuação integra uma cadeia audiovisual que depende de coerência entre sinalização, imagem, som, edição e acessibilidade.

As músicas interpretadas também apresentam metáforas, imagens poéticas e refrões. Em alguns trechos é necessário reorganizar o campo conceitual; em outros, pode-se preservar a imagem metafórica para que o público construa sentidos. Essa prática dialoga com modulação, equivalência e compensação em Barbosa (2020, p. 73-75) e com a discussão de Sessa, Souza e Nunes (2025) sobre metáfora e musicalidade em Libras. A escolha não é fixa: depende da compreensão possível, do ritmo e da finalidade estética.

A comparação evidencia três funções complementares do audiovisual. Antes da apresentação, ele mobiliza e convoca; durante, envolve enquadramento, captação, interpretação e articulação técnica; depois, sustenta registro, entrevista, edição, recursos adicionais e circulação digital. Assim, o audiovisual modifica a própria mediação cultural. Em consonância com Barbosa (2020), os procedimentos se mostram situados e condicionados pelo gênero, pelo público, pelo suporte e pela finalidade da tradução.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências analisadas mostram que a tradução cultural em Libras articulada ao audiovisual ultrapassa o instante da interpretação presencial. Ela pode envolver estudo prévio, mobilização do público, relação com câmera e enquadramento, versão-voz, diálogo com equipes técnicas, registro, pós-produção e circulação digital. Em cada contexto, essas dimensões se combinam de maneira distinta.

Em Vida Comum Surda, o audiovisual registra e amplia a circulação de uma produção artística surda; nas contações do CPC/Sesc Garanhuns, participa da convocação do público antes da experiência presencial; no Art'Incluir, conecta interpretação ao vivo, estrutura técnica e acessibilidade posterior. Conclui-se que as estratégias audiovisuais são situadas e dependem do gênero, do público, da finalidade e do suporte. Compreendê-las como processo contínuo, do antes ao depois da performance, reforça a necessidade de

formação específica, trabalho colaborativo e participação de profissionais surdos na produção cultural.

Palavras-chave: Libras; Tradução cultural; Acessibilidade audiovisual; Intérprete de Libras; Cultura surda.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Heloísa Gonçalves. Procedimentos técnicos da tradução: uma nova proposta. 3. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

CARDOSO, Bruna Barros; SOUZA, Sirlene Vieira de. O intérprete de Libras como produtor cultural: mediação para o protagonismo surdo nas artes cênicas. In: PAZ, J. F.; REIS, J. T.; BRITO, L. F. de (org.). Ensinar onde a vida acontece: práticas e mediações pedagógicas em ambientes (não) escolares. Joinville: Clube de Autores, 2025. p. 71-98. DOI: 10.29327/5636645.

MASUTTI, Mara Lúcia. Tradução cultural: desconstruções logofonocêntricas em zonas de contato entre surdos e ouvintes. 2007. Tese (Doutorado em Literatura) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

SESSA, Glênia Aguiar Belarmino da Silva; SOUZA, Adriana Baptista de; NUNES, Valéria Fernandes. Metáfora conceptual e musicalidade em Libras. EntreLetras, v. 16, n. 1, p. 384-400, 2025. DOI: 10.70860/ufnt.entreletras.e19554.

SOUSA, Danielle Vanessa Costa. Reflexões sobre uma narrativa em um contexto de ensino da Libras como segunda língua para crianças ouvintes. Papéis, v. 22, n. 43, p. 51-71, 2018. DOI: 10.55028/86g3nj92.